

Prova de amor

Mariusz Szczygieł

Apresentação e tradução de Luiz Henrique Budant¹

Universidade Federal do Paraná

Apresentação

Nascido em 1966, Mariusz Szczygieł é um dos grandes nomes da reportagem literária polonesa. Dentre seus temas de interesse, pode-se citar a República Tcheca, a Tchecoslováquia e as questões ligadas à vida das pessoas lgbtq+ na Polônia – tendo sido o primeiro jornalista polonês no período socialista a falar abertamente sobre questões relacionadas a esse público.

Em 2019, Szczygieł recebeu o prestigioso prêmio literário polonês Nike (deusa grega da vitória) por sua obra *Nie ma* (Não há, ainda sem tradução). Seus livros já encontram tradução para o inglês, o alemão, o francês e muitos outros idiomas, mas ainda não para o português do Brasil.

Os textos a seguir foram originalmente publicados em *Gottland* (Wydawnictwo Czarne, 2006), livro que reúne uma série de textos sobre a Tchecoslováquia do período socialista e é considerado um de seus melhores trabalhos. *Gottland* ganhou o prêmio Nike dos leitores em 2007 e estava na final do prêmio atribuído por críticos. Em 2009 ganhou European Book Prize/ Le Prix du Livre Européen, o prêmio literário do Parlamento Europeu. O livro foi traduzido para o alemão, o francês, o húngaro, o italiano, o russo, o ucraniano, o espanhol, o esloveno, o sérvio, o búlgaro, o inglês, o romeno e o tcheco e foi adaptado para o teatro e serviu como base de um filme documentário.

¹ Mestrando do programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Professor substituto de língua polonesa no Departamento de Polonês, Alemão e Clássicas da UFPR. E-mail: luiz.henrique.budant@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4265-3133>.

Prova de amor

Parte 1: a eternidade dura oito anos

A depenadora de gansos Kvítková depenou setenta e dois gansos em oito horas e entrou para a história.

O ministro da informação Kopecký, numa conferência científica em Brno afirmou que a mais alta montanha da Europa é o Elbrus, e definiu a visão corrente, de que seria o Mont Blanc, como “herança do cosmopolitismo reacionário”.

Finalmente publicou-se a lista de autores que nunca mais se publicará: Dickens, Dostoiévski, Nietzsche e centenas de outros.

O poeta Sedloň escreveu que as palavras “alimentação” e “produção” já são palavras poéticas.

A quantidade de livros destruídos nesses anos no país calcula-se em vinte e sete milhões de exemplares.

O primeiro-ministro Zapotocký diagnosticou os novos tempos: “não dá para viver do jeito antigo, vive-se melhor, vive-se com mais alegria”, disse.

Em dois anos, os mais proeminentes líderes, por inspiração de Stálin, serão condenados ao enforcamento.

No hotel Zlatá Husa na praça Václav, onde Andersen escreveu a mais famosa história sobre a classe parasitária, intitulado *A princesa e a Ervilha*, está a inscrição: “Com a União Soviética pelos tempos eternos”.

Diariamente à meia-noite, após o encerramento do programa, a Rádio Praga toca o hino da União Soviética.

Assim terminam, na Tchecoslováquia, os anos quarenta do século XX e começam os cinquenta.

Por causa do septuagésimo aniversário de Josef Stálin, comemorado em dezembro de 1949, as autoridades decidem que nove milhões de pessoas de um país de quatorze milhões assinarão um cartão de aniversário para ele.

Consegue-se recolher as assinaturas em quatro dias. Nessa ocasião toma-se a decisão de que em Praga, na colina junto ao rio Vltava², ficará o maior monumento de Stálin no globo terrestre.

² Rio que corta Praga.

Nenhum escultor tem direito de se recusar a participar do concurso. Cinquenta e quatro artistas têm três trimestres para fazer o projeto do monumento. Graças a Deus, felizmente morreu (é como falam sobre sua morte em Praga) Ladislav Šaloun, o escultor tchecoslovaco número um. Considerado seu sucessor, Karel Pokorný, para não ganhar, projeta o líder com os braços abertos em um gesto amigável e Stálin lembra Jesus.

A maioria comete esse mesmo erro. “Apresentaram um Stálin afetado” – julga a comissão.

Otakar Švec, filho de um doceiro especializado em esculturas de açúcar, tem cinquenta e seis anos e é um escultor frustrado.

Depois de uma grande estreia, quando ainda estudante esculpiu um motociclista e conseguiu capturar na pedra o movimento, projetou um monumento ao pai da república, T.G. Masaryk, e depois um monumento a Jan Hus. Durante a guerra, os fascistas destruíram ambos. Depois da guerra esteve projetando um monumento de Roosevelt, mas não o terminou, pois os comunistas tomaram o poder. Antes da guerra apresentou suas esculturas vanguardistas no Ocidente. Não acreditava que ainda fosse receber alguma encomenda.

Agora, dizem os rumores, Otakar Švec fabrica um modelo nas coxas, sob influência de duas garrafas de vodka. É um homem decente, então plagia de propósito uma conhecida ideia de antes da guerra para um monumento a Miroslav Tyrš, um benfeitor burguês, com quem os comunistas são relutantes.

Infelizmente, ganha.

Stálin está na dianteira de uma fileira de pessoas. Em uma mão segura um livro, a outra está sobre o peito por fora do casaco.

Ao lado esquerdo, soviético, atrás de Stálin segue um trabalhador com um estandarte, depois um agrobiólogo, uma *partisan* e no final um soldado soviético que olha para trás.

Ao lado direito, tchecoslovaco, de Stálin seguem: um trabalhador com um estandarte, uma mulher do campo, um cientista e um soldado tchecoslovaco que olha atentamente para trás.

Os corajosos começaram a murmurar que esse é um Stalin de quem todos querem lambar o cu.

Apenas um botão, dizia-se, será do tamanho de uma fatia de pão.

A altura do monumento, trinta metros; a altura de Stálin, quinze; juntos, dez andares de antes da guerra. O comprimento do pé, dois metros.

O todo de granito (absolutamente sem combinar com o arenito de Praga, mas o granito, ao contrário do arenito, aguenta séculos) tem de ficar na colina Letná e fazer concorrência ao Castelo. Com suas medidas tem de esmagar o passado. Será visível da praça da Cidade Antiga, ficará exatamente na continuação da rua Paryska e da ponte Čech.

Para produzir um Stálin desses, será preciso duzentos e sessenta blocos de granito, cada um com dimensões de 2x2x2 metros.

Encontrar uma pedreira que tenha paredes grandes o suficiente para que seja possível retirar delas blocos tão enormes de pedra e na mesma cor beira um milagre.

Os dois arquitetos que estão ajudando Švec – o casal Šturs – precisam encontrar um jeito de como preparar a colina de areia para um colosso desses.

Decidem que a colina será preenchida por dentro com gigantescos blocos de concreto, os quais criarão algo como salas subterrâneas.

O povo expressa os primeiros receios sobre o monumento dois anos após o anúncio do concurso. Apresentam-se os esboços, maquetes e desenhos de Švec aos cidadãos para uma consulta e acontece um debate sobre “a nova joia de Praga”.

– Eu me preocupo que de longe as figuras se fundam numa só e que Stalin não seja visível o suficiente.

– Por que as últimas figuras olham para trás? Isso me parece um pouco vanguardista – as pessoas multiplicam suas dúvidas.

– Olham por motivos ideológicos, responde Švec. Trata-se de garantir uma vida em tranquilidade, uma defesa. Olham também por motivos de composição, para que atrás do monumento haja uma bela vista, e não a parte de trás de um soldado.

– Camarada, por que, sendo um artista, o senhor quer defender nosso povo no monumento?

– Defender a parte de trás é necessário para que as pessoas que estão colocadas na parte da frente fiquem mais tranquilas – explica o escultor.

Depois vai se dizer que as figuras atrás de Stálin são uma fila para comprar carne.

Muitos cidadãos ainda estão intransigentes. “O monumento como símbolo nos inquieta. Não é uma imagem alegre e fiel, causa a impressão de ser um mausoléu” (quatro anotações no livro de assinaturas da exposição).

“O camarada Stálin está guiando quem? As pessoas atrás dele estão literalmente se parecem estar rastejando ao lado de uma parede. Tem que destruir o projeto e fazer um novo concurso”.

“O monumento vai ser de mau-gosto. Deve-se dedicar mais atenção ao projeto de um dos maiores gigantes da história”.

Otakar Švec não sabe ainda que é prisioneiro.

Os modelos que posam para o monumento eram figurantes do estúdio de filmes Barrandov.

Contava-se depois que o homem que se tornou Stálin bebeu até morrer. Ninguém sabia seu sobrenome, toda a Praga o chamava de “Stálin” e sua estrutura psíquica não aguentou isso.

Švec e os Šturs constroem em sequência modelos do monumento em argila. Primeiro de um metro, depois de três.

O partido e o governo observam Švec. O protocolo de observações a seu respeito durante um encontro das autoridades com o artista em 4 de janeiro de 1951 são doze páginas escritas à máquina.

A figura de Stálin não se sobressai ao todo! O primeiro-ministro Zapotocký diz que já na argila deveria ser visível que se trata de um monumento a Stálin, um homem de coragem. Ao executar a obra, o autor talvez comece a ter medo de seus próprios pensamentos – acrescenta.

Oito ministros e o primeiro-ministro debatem se é melhor diminuir as figuras atrás de Stálin ou erguer o líder em algum pedestal adicional.

O monumento não tem o direito de parecer um sarcófago à distância!

As figuras atrás de Stálin são demasiadamente decorativas.

Será que o autor consegue ocupar-se mais profundamente de sua obra?

Por que não quer fazer modelos de argila e apresentar às autoridades?

O primeiro-ministro afirma no final que Otakar Švec tem medo de seu próprio monumento.

O escultor não escuta isso tudo, pois, junto com seus colaboradores, foi convidado para o encontro quarenta e cinco minutos depois. Primeiro se explica a arquiteta Štursová: foi intencional que não tenham erguido a figura de Stálin, pois dessa maneira o afastariam do povo, mas, ao contrário, ele guia o povo e é do povo que ele vem.

Švec explica às autoridades que, se por vontade deles, Stálin deve se diferenciar pela altura do resto, isso significará que o monumento terá duas escalas diferentes. – Do ponto de vista artístico, isso é insustentável – diz.

O governo compra a ele um ateliê maior, o que usava até então ficou pequeno demais. Os representantes do partido agora irão organizar visitas oficiais a sua oficina.

Chegam com seus próprios canivetes.

Todas as vezes enfiam os canivetes na argila e cortam as cabeças das pessoas atrás de Stálin.

A primeira pessoa com um canivete foi o ministro que definira a visão corrente de que o Mont Blanc era a mais alta montanha da Europa como “herança do cosmopolitismo reacionário”.

Com um segundo canivete, o mais virulento – o professor Zdeněk Nejedlý³, autor de *História universal da música*. Era historiador da arte, e até mesmo democrata, durante a ocupação ilegal fugiu para Moscou e lá se tornou professor. Voltou para se tornar teórico de tudo na Tchecoslováquia socialista.

Em 1951 é ministro da educação, ciência e arte. Escreve o famoso artigo sobre a nova arte e o novo amor. “As pessoas vão continuar se amando – anuncia –, mas esperamos que no socialismo, como classe trabalhadora, vão se amar ainda mais e melhor. Que não haverá entre elas todas essa mentira de ‘amor infeliz’, nem essa degradação sensual na qual frequentemente se chafurda o erotismo burguês”.

Não suporta, por exemplo, aquilo que antes da guerra fez famosa a Tchecoslováquia – a fotografia vanguardista. Quando, nas fotografias dos anos vinte de Rössler⁴, vê sombra ou fumaça fotografada sem nenhum contexto, tem um ataque de raiva.

(Quando Stálin morre, Nejedlý dirá que a partir desse momento o monumento tcheco fala sobre o Pai dos Povos a coisa mais importante: Stálin viverá para sempre).

Quatros meses após a primeira reprimenda, Švec recebe mais uma. O governo o repreende também em 1952, em 1953 e em 1954.

Passam-se quatro anos, e já há muito tempo os pedreiros trabalham sobre os blocos de granito, há andaimes e guindastes, e ainda se recomenda ao autor que “suavize e mude algumas silhuetas, para que não pareçam despóticas”. Švec leva mulheres à oficina, bebe com elas.

Põe-se a explicar.

Um ano antes da inauguração do monumento, sua esposa não aguenta a situação e abre o gás no banheiro.

³ No original, há um jogo de sonoridade entre o sobrenome do professor, Nejedlý (palavra tcheca que significa incomedível), e a palavra polonesa que traduzimos como virulento, *zjadly*. (N. do T.)

⁴ Jaroslav Rössler.

Švec a encontra morta na banheira.

Surgem novas dúvidas, com as quais, felizmente, o escultor não tem absolutamente nenhuma relação. Eis que o Stálin de pedra chega a Praga, é posto junto ao rio e olha a maravilhosa cidade.

Mas se chegou do oriente, por que está na margem ocidental?

Se estivesse entrando, então teria de ficar em frente ao rio, mas de costas para a cidade. Então é melhor que não esteja entrando.

Se não está entrando, então talvez esteja saindo?

Mas por qual motivo?

O que não o agrada na Praga socialista?

Mal passou o Vltava e já está fazendo a volta?

Por que olha para o ocidente?

Ou talvez tenha entrado e só um tiquinho, assim, por nostalgia, olha para trás de si?

Das centenas de páginas que são escritas, depois escondidas, sobre o monumento nas máquinas de escrever tchecoslovacas, resulta que a multiplicação de dúvidas é uma corrida da qual o final é desconhecido – ninguém pode prever quando e como terminará. E todas as coisas podem, imediatamente, transformar-se na sua negação.

É a primavera de 1955, passaram dois anos da morte de Stálin.

O monumento será inaugurado em 1º de maio. Está preparado o ato de fundação, que não diz apenas que doravante o Pai dos Povos tem poder sobre Praga. O ato afirma que Stálin “olha a Capela de Belém”.

Algo inédito no comunismo.

Essa é a capela na qual Jan Hus fez seus sermões. A propaganda comunista se apropriou da religião: Hus era um revolucionário, os hussitas, a primeira organização comunista; e suas pilhagens eram apenas uma desinteressada incitação dos povos vizinhos à luta contra o feudalismo.

Agora, entre o Stálin na Letná e o padre Hus na capela da praça Belém será estendida uma linha vermelha quase visível.

O escultor sabe que seu monumento é esteticamente repugnante. Exagerado e pomposo.

Sabe que o monumento não agrada às autoridades, só que por motivos diferentes. As autoridades, por aversão ao escultor, comunicam-se com ele apenas através dos Šturs.

Mas a imprensa ameniza: “do ponto de vista ideológico, essa é a única ideia que apresenta o Generalíssimo Stálin como homem de Estado, como um líder construtor e vencedor, o professor do povo, e, ao mesmo tempo, como o camarada Stálin e como a pessoa Stálin, como um de nós”.

É noite, um pouco antes da inauguração.

Otakar Švec sai da oficina, pega um táxi e vai até a Letná olhar, incógnito, o monumento.

Pergunta ao taxista o que ele acha da obra.

– Vou mostrar uma coisa ao senhor – diz o taxista. O senhor dê uma olhada no lado soviético.

– E o que tem lá?

– Então, talvez dê para ver. É que a *partisan* está segurando o soldado pela braçadeira.

– O quê?!

– Senhor, quando inaugurarem, é cem por cento de certeza que vão fuzilar quem projetou isso.

Otakar Švec volta à oficina e lá comete suicídio.

A notícia sobre a morte é secreta, ninguém tem direito de levá-la a público.

O sobrenome de Švec não aparece no monumento.

1º de maio de 1955. Durante a cerimônia de inauguração, anuncia-se que o autor do monumento é o Povo Tchecoslovaco.

Os boatos falam de vítimas.

“Durante a construção morreram no total sete pessoas – prosseguiu o sacristão – o primeiro foi o escultor que projetou essa estátua, e o último foi um assistente que veio nas pontas dos pés na segunda-feira, desmoronou debaixo dele uma viga no sexto andar e caiu com a cabeça no chão, e se matou por um dedinho dessa estátua”.

O sacristão do conto *A traição dos espelhos*, de Hrabal⁵, está um pouco enganado. Stálin não tinha nenhum dedo erguido em Praga. Se alguém se matou, talvez tenha sido por toda a mão.

O monumento fica de pé quase oito anos, até 1962.

⁵ Bohumil Hrabal, escritor tcheco (N. do T.)

Por sete anos sobrevive ao degelo de 1956 e às acusações contra Stálin.

Acusa-se, mas na URSS, na Polônia e na Hungria. Em 1956 a historiadora francesa Muriel Blaive escreve, na Tchecoslováquia, um livro intitulado *A chance perdida*.

Surpreendente é a falta de reações mais fortes ao que está acontecendo nos vizinhos – o regime em Praga se fortalece ainda mais. As pessoas, por exemplo, afirmam em conversas privadas (sabe-se disso pelos boletins do Serviço de Segurança) que “é preciso se entregar a Deus para que essas bestas da Hungria não venham até nós, pois nos matariam todos”. As tentativas de manifestações estudantis ficam sem maior apelo social.

Acontece, no lugar disso, uma manifestação de fidelidade à União Soviética, o embaixador soviético em Praga saúda duzentas e cinquenta mil pessoas. “O próprio governo tcheco está surpreso com o conformismo da sociedade” – escreve um correspondente do “*Journal de Genève*”.

Por quê?

Três anos antes foi introduzida uma reforma financeira que foi um golpe para o cidadão comum, as pessoas saíram às ruas, muitas fábricas entraram em greve. Já não havia o Stálin que ameaçava com a terceira guerra mundial, então, para consertar a autoestima da nação, as fábricas de armamentos na Tchecoslováquia passaram a produzir televisores, gramofones e geladeiras. Agora o mercado está inundado de bens de consumo.

No dia em que Khrushchev lê seu famoso discurso secreto no XX Congresso do PCUS⁶, convidado para o congresso, o presidente Zápotocký (aquele que, quando era primeiro-ministro, supervisionou Švec) encontra-se em Moscou com estudantes tchecos e eslovacos. Os estudantes já estão lá há algum tempo e sabem que Khrushchev considera Stálin um assassino, querem conversar com seu líder sobre isso.

– Os senhores estão com vontade de se meter com isso? – pergunta o presidente –. Não se intrometer nisso é a política adequada – acrescenta.

O time de fiéis alunos de Stálin de Praga tem problemas. Em Moscou se fala publicamente sobre os crimes, mas o time não tem nenhum interesse em divulgar as denúncias de Khrushchev depois de voltar ao país. Isso significaria o seu fim.

Além disso, não há pessoas, tais como Gomułka⁷ na Polônia, que poderiam assumir uma nova liderança.

Cinejornal.

⁶ Partido Comunista da União Soviética.

⁷ Władysław Gomułka (1905-1982). Líder do Partido Comunista Polonês entre 1956 e 1970, foi responsável pelo chamado “Último expurgo dos judeus”, em 1968. (N. do T.)

A jornalista pergunta a um homem de meia idade, que passa pela Letná, o que é heroísmo. – Antigamente os corajosos iam para a guerra – diz e empurra o microfone.

O trabalhador Josef Král reflete um momento. – O heroísmo dos dias de hoje é fazer tudo que querem de nós e tudo que exigem de nós – diz.

Sabemos: uma nação pequena, para durar em circunstâncias hostis, precisa se adaptar. Isso vem dos tempos dos Habsburgos e do Protetorado da Boêmia e Morávia.

O escritor Pavel Kohout atenta que depois da guerra não havia exércitos soviéticos na Tchecoslováquia, não houve nenhum golpe de Estado, os comunistas tinham um apoio autêntico, e nas eleições de 1946, obtiveram mais de quarenta por cento dos votos. O povo tcheco experienciou a anexação e a ocupação em 1938, foi traído pela Grã-Bretanha e pela França, então, quando os comunistas chegaram ao poder, parecia que a União Soviética era o único apoio certo.

Além disso, cem anos antes o construtor da consciência nacional tcheca, František Palacký, previra que, se algum dia os tchecos se aproximassem da Rússia, seria da parte deles um ato de desespero.

– Por isso – diz Pavel Kohout – depois foi tão difícil os que apoiaram os comunistas admitirem que eles inconscientemente prestaram serviço ao diabo. E é claro que isso aconteceu muito rápido.

Debaixo de Stálin, nos salões de concreto no interior da montanha, prostitutas recebem clientes. Antes um famoso pintor mantinha lá um divã. Mas apenas até o momento em que pareceu que levava garotas jovens demais. Ainda antes eram mantidas lá toneladas de batatas.

O ano é 1961, em Moscou acontece outro congresso do partido e Khrushchev ainda critica o estalinismo.

A múmia de Stálin é retirada do mausoléu de Lênin na Praça Vermelha, e o presidente que sucede Zápotocký na Tchecoslováquia, Novotný, precisa reagir a isso.

Ele mesmo, em 1952, dividiu entre si e os colegas as posses dos camaradas enforcados. Agora deve preparar a reabilitação deles e reconhecer que o partido errou.

Também o monumento foi um tipo de erro que ficará “pelos tempos eternos”.

A pessoa que deverá liquidar Stalin – o engenheiro Vladimír Křížek – escuta do governo a frase mais importante da sua vida: – O senhor tem que destruir a estátua, mas com dignidade.

O engenheiro, especialista-chefe numa empresa de engenharia de elite, pede explicações. A estátua é um monstro de concreto cujo interior, forrado de granito, é ligado à construção de concreto armado na parte interna da colina.

– Exploda com dignidade. Para não chamar a atenção da U.R.S.S. – diz a ele o secretário do comitê distrital do partido e lista as condições.

Não é permitido inserir materiais explosivos na cabeça de Stálin.

Ninguém tem o direito de atirar nela.

Não se poderá, em absoluto, ouvir nenhum tiro.

Não se pode falar sobre o assunto, fotografar ou filmar. Aqueles que fizerem isso serão imediatamente presos.

Toda a empresa do engenheiro Křižek está paralisada pelo medo.

O terreno é atentamente vigiado dia e noite. O todo vai ser posto abaixo, mas surge a ideia de retirar a cabeça manualmente. Penduram-se nela dois pedreiros (pai e filho) e a cada vinte centímetros removem cubos de concreto com martelos. Não têm coragem de jogá-los para baixo, então um elevador os recolhe.

A explosão é preparada pelo maior especialista em explosões do país, Jiří Příhoda. Sabe que um erro pode significar que metade do centro da cidade vá pelos ares.

Pensa e não dorme por duas semanas, de quando em quando cai num microssono de dois ou três minutos. Prepara duas mil e cem cargas.

Quer abater a estátua de uma vez só, mas se intrometem no assunto os militares, os quais o governo enviou por via das dúvidas. Obrigam-no a fazê-lo em três etapas, eles têm medo de que pedaços da estátua voem por sobre a cidade e venham a matar pessoas. Seguem cada passo seu, não lhe permitem se concentrar e ficam atazanando.

Primeiro Jiří Příhoda sofre um ataque histérico e grita. Depois se embebeda com seis copos de slivovitz e – aperta o botão do dispositivo.

Depois de tudo, senta-se na grama e chora alto.

Uma ambulância o transfere para um hospital psiquiátrico.

As explosões foram um sucesso. Limpar a ferraria e o concreto das redondezas leva um ano.

Na imprensa não aparece nem uma nota sobre a destruição da estátua.

A estátua de Stálin em Praga nunca existiu.

Parte 2: compota de urgência

Do Stálin sobraram onze metros de base. Hoje fica lá um metrônomo. Um grande ponteiro vermelho oscila do lado soviético para o tchecoslovaco e vice-versa. Ao seu redor voam skatistas, e na antiga escadaria alguém com ajuda de tinta a óleo branca busca contato com uma outra pessoa: nao-vai-rolar-katerinarybova@seconhecer.cz.

Às vezes faltam patrocinadores que paguem a energia, e o ponteiro para.

– Olhem, o tempo parou de novo – dizem então as pessoas.

Mas para esse lugar isso não é uma boa metáfora, ao contrário.

Ora, o tempo apressou-se tanto que, por exemplo, a morte de Otakar Švec, dez anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, parece um acontecimento dos tempos da escrita cuneiforme.

Sempre me irritou que os Tchecos não escreveram uma história sólida da construção e da queda da maior prova de amor da Europa comunista.

Sucede, todavia, que para isso é preciso tornar-se arqueólogo.

Quando, no Arquivo Central da República Tcheca, recebo a pasta “Stalinův památník v Praze” e vejo nos documentos os carimbos de que eles foram tirados do sigilo três dias antes, sinto uma agradável excitação – foi a meu pedido, até então não haviam interessado a ninguém.

Dezenas de informes sobre a estátua, muitos com o aviso “confidencial”. Mas não há nada sobre as vítimas da construção e não há nada mais próximo sobre o escultor além de que o pressionaram terrivelmente. Nenhum sinal de que acabou com sua própria vida.

Se ele foi encontrado na oficina, a polícia secreta deve ter feito uma diligência por lá. Certamente fez perguntas aos vizinhos, farejou, precisava ter sobrado disso, nem que fosse uma anotação. Deveram ter descrito em que situação encontraram o corpo.

Deixo um pedido para procurar no arquivo do antigo Serviço de Segurança a pasta de Otakar Švec. Espero de outubro de 2003 até dezembro de 2004.

Respondem que não encontraram nem um papelzinho com seu sobrenome.

O escultor Olbram Zoubek diz que Otakar Švec envenenou-se do mesmo jeito que sua esposa, na banheira. (É possível, já que por todos os anos o estucador, o senhor Junek, que descansa em paz, fiel auxiliar de Švec, trabalhou com Zoubek).

O documentarista de televisão Martin Skyba diz que ele atirou em si mesmo com uma pistola. (É possível que esteja bem informado, pois apresenta documentos históricos).

O historiador da arte daqueles tempos Petr Wittlich diz que o escultor se enforcou. (É possível, pois o prof. Wittlich escreveu a única monografia sobre Švec, pouco depois de sua morte).

– E onde se enforcou?

– Na sua oficina, no sótão do palácio Korona na praça Václav.

Três dias para apurar se o escultor tinha uma oficina no Korona. Não tinha. Tinha duas, mas não no centro (além disso, em ambas não há nenhum rastro de Švec). Digo isso ao professor.

– Eu só escrevi sobre ele, mas não o conheci pessoalmente. Não teve filhos e o senhor não encontrará em Praga ninguém que o tenha conhecido, pois todos já devem ter morrido.

Uma vez, Švec teve sua morte empurrada para frente em oito anos. Josef Škvorecký, no popular romance *A história do saxofonista*, que descreve a história da Tchecoslováquia visando o mercado editorial americano, escreveu que Švec não sobreviveu à visão da explosão de sua estátua.

“Vendo como seu Golias realista pedaço por pedaço se transformava em um monstro como da oficina de Giacometti, tirou sua própria vida”.

Ou o autor acreditou em alguma fofoca ou considerou que o suicídio antes da inauguração seria frustrante para os leitores estrangeiros. Principalmente no caso da filmagem do romance seria mais efetivo acabar consigo vendo a destruição da própria obra.

Jiří Příhoda, o especialista em explosões, apesar do vinho tinto frankovka, é econômico com as palavras. Se eu não soubesse antes que o levaram ao hospital, com certeza ele mesmo não diria nada sobre o assunto.

– Aquela foi a coisa mais monstruosa da minha vida, aquela demolição, ainda que depois eu também tenha tido tarefas difíceis. Mas não tem sentido voltar a isso – diz – Quanta dor...

Não voltamos.

Contudo, uma semana depois acho uma descrição da explosão num romance pouco conhecido, *Kawiarnia Slavia*. Escrito por Ota Filip, um escritor obrigado pelas autoridades a se tornar mineiro em 1960.

Telefone para o mestre de tiro. Digo que encontrei algo sobre a explosão dele.

Na manhã do dia seguinte, a esposa do senhor Příhoda já na antessala anuncia que a noite fora um inferno. – Quem ou o que poderia ter escrito? – repetia ele e tremia.

– Mas estamos em 2003 – eu digo.

– E qual a importância que isso tem? – pergunta a esposa.

Leio em voz alta: “na noite seguinte nasceu uma lua cheia. O Vltava lembrava uma serpente prateada que se pôs a dormir sob as pontes. E então sobreveio um tremor de terra”.

– Aham, aham... – diz o senhor Příhoda e leva a mão ao peito.

“Uma nuvem cinzenta de poeira encobriu Stálin até o pescoço. De súbito brilhou com todas as cores do arco-íris. Sua cabeça ainda se erguia nessa estranha luz, mas pendeu para frente e alguma força terrível quebrou-lhe a nuca. Pedras tamborilaram pelos telhados e caíram no já melodioso Vltava. O eco da explosão voltou à cidade e bateu na nuvem de poeira pendente como um sino cinza sobre o centro da cidade.”

– Mas as detonações foram de dia! – revolta-se Příhoda.

“Depois houve silêncio. Apenas Helena von Mowitzová gritou e caiu na terra. Encontraram-na apenas antes do meio-dia – jazia na grama...”

– Santo Deus, o que o senhor está lendo?!

“Levaram-na em uma maca ao edifício da embaixada. Seu rosto estava ensanguentado”.

– Jiří Příhoda não consegue voltar a si: – na demolição faleceu apenas uma pessoa, e antes da explosão. Era da comissão. Entrou nas câmaras embaixo da estátua, ficou de mau jeito em alguma tábua, tropeçou e nunca mais levantou. Para que imaginar outras vítimas?

– Porque Stálin exige sacrifícios, Jirko⁸ – explica a esposa.

– Uma vez escreveram que a cabeça dele despencou e foi girando pela ponte até a praça. E depois tudo é culpa minha.

– Logo após o Stálin, ele enfartou – conta a senhora Příhodová. – Se antes da explosão ele não piscou o olho por duas semanas, desde então fazem quarenta e um anos que o meu marido não dorme.

– Adormeço, como hoje à noite, por cinco minutos. E tenho um sonho, eu mesmo não sei o quê, só sei que cerro os dentes e digo: “não permito!”.

O jornal *Lidové noviny*, na edição de domingo, coloca um anúncio e uma fotografia das modelos que posaram para Švec. Encontrei isso no Museu do Comunismo, em Praga, mas em lugar nenhum achei os sobrenomes delas.

⁸ Diminutivo de Jiří.

Escrevo que estou procurando por essas pessoas ou por seus parentes.

Chegam cinco cartas. Todas mais ou menos dizendo que a pessoa tem vizinhos muito chatos e perguntando se eu poderia fazer alguma coisa.

Dois anos atrás a televisão tcheca mostrou fotografias de um atrevido que ilegalmente, com uma câmera amadora, registrou a explosão. Ele disse que o estado totalitário temia as câmeras tanto quanto as armas de fogo.

Ele é o senhor M., da mesma idade que todos – perto dos oitenta. Está vestindo um paletó xadrez escocês e uma gravata debaixo do pescoço. Mostra a revista na qual se ocupa de vinhos morávios.

– Eu e um colega nos revezávamos para gravar a explosão. Ele tinha uma câmera de 8mm, nós estávamos escondidos nos arbustos na margem oposta. Um gravava, o outro ficava vigiando. O meu colega era brigadista, pois uma vez nós trabalhamos juntos como operários na construção de um túnel ali do lado do Stálin.

– Como assim operários? – perguntou e olhou a gravata e o texto sobre vinho.

– Eu trabalhava em obras nas estradas.

– Com uma câmera?

– Quer dizer, eu era operário de manhã, mas à noite eu até escrevia roteiros para programas de entretenimento na televisão, usando um pseudônimo, é claro. Já como um homem de meia-idade eu terminei o curso de jornalismo. Mas não quero me lembrar disso de jeito nenhum.

– Mas o senhor já começou.

– Então eu vou terminar: precisava ser operário e por favor não me perturbe com isso.

– Por quê?

– Essas não são coisas para se recordar – fala e baixa a voz como se alguém sem autorização fosse ouvir isso. Conversamos no café Arco, onde Kafka costumava sentar-se e que depois foi cantina do Ministério dos Assuntos Interiores.

O senhor M. tira da pasta uma fotografia do lado soviético da estátua.

– O senhor veja, eu coloquei a câmera assim para capturar do melhor jeito o gesto da *partisan* pegando o soldado – mostra –. Ninguém foi informado de que Švec se matou por causa dessa braguilha.

– E quem o informou sobre isso?

– Talvez uns quinze taxistas em Praga disseram, claro que no maior sigilo, que o levaram até a estátua.

O escultor Olbram Zoubek é vigoroso, tem setenta e cinco anos e não tem medos desmotivados.

Era estudante quando Švec trabalhou no Stálin.

Se ele, depois da autoimolação de Jan Palach em 1969, conseguiu se dirigir ao necrotério e fazer duas máscaras mortuárias do herói nacional guardado por um enxame de policiais secretos, eu também vou conseguir as informações sobre Švec.

Conhece um escultor que trabalhou junto com Otakar Švec no Stálin, chamado Josef Vajce. É o único que o conheceu pessoalmente e está vivo.

Fantástico!

Para não assustar o senhor de idade avançada, o próprio Zoubek telefona para casa dele.

– Escuta, Honza – diz – daqui uma hora vai ligar para você um moço da Polônia...
(– Ele vai se encontrar contigo – pisca).

Saio da companhia de Zoubek, uma hora depois atende o telefone um homem com voz de velhinho.

– Infelizmente o senhor Vajce está há uma semana na Ucrânia e eu não sei mesmo quando ele vai voltar.

Encontrei uma lista de sobrenomes dos comentaristas e técnicos de rádio que trabalharam na transmissão ao vivo da cerimônia de inauguração.

A maioria não está na lista telefônica, mas alguns ainda estão.

“Nós te conhecemos, brava *partisan* que levanta a cabeça na nossa estátua...” – dizia a redatora Sylvie Moravcová.

– Eu estou escutando o senhor muito mal – diz hoje – pois fiquei surda, o senhor não tem porque vir até a minha casa, não lembro de nada, a não ser que o senhor queira beber uma compota!

“Lentamente fileiras de pessoas sobem as escadarias, prestam honrarias ao grande Stálin e pronunciam o juramento de que defenderemos a liberdade que nos trouxeram os soldados soviéticos e faremos da nossa pátria o paraíso na terra” – dizia o redator Vladimír Brunát. – Eu já tenho oitenta e cinco anos e estou cego, além do que numa cadeira de rodas, mas ajudarei de bom grado – diz hoje –. Projetista? Eu fiz a reportagem da inauguração, mas com certeza não sabia o sobrenome do escultor. Não se ouviu sobre nenhum suicídio. Ah, não me diga... Não se sabia nada sobre isso naquela época.

As observações linguísticas na República Tcheca levam por uma certa trilha. Eis que na situação em que alguém deveria dizer “Eu tinha medo de falar sobre isso”, “Não tive coragem de perguntar”, “Não tinha ideia disso”, afirma:

“NÃO SE FALAVA sobre isso”,

“NÃO SE SABIA disso”,

“NÃO SE PERGUNTAVA isso”

Escuto com frequência a forma impessoal quando é preciso falar sobre o comunismo. Como se as pessoas não tivessem influência sobre nada e não quisessem assumir responsabilidade pessoal por nada. Como se lembrassem que são apenas parte de um todo maior que também tem na consciência algum pecado de deixar de fazer.

Conto a um colega, que há anos escreve sobre os carrascos e as vítimas do estalinismo, a relutância que eles têm para lembrar.

– É medo – diz Piotr Lipiński.

– Cinquenta anos depois? Hoje, quando não deveriam ter medo de nada?

– Todos que você encontrou estão por volta dos oitenta. Os últimos quinze anos livres são um episódio na vida deles. Curto demais para construir a certeza de que já é um estado permanente e imutável.

A estátua de Stálin em Praga ainda existe.

(2004)

REFERÊNCIA

SZCZYGIEŁ, Mariusz. *Gottland*. Wołowiec: Czarne, 2010, p. 71-94.